

## Um Encontro Oportuno: Moreno e Bachelard - em direção ao Cosmodrama<sup>1</sup>

Sylvia Ferraz da Cruz Cardim<sup>2</sup>

### Resumo:

Este trabalho é um projeto de reflexão articulado a partir da aproximação entre o pensamento de Jacob Levy Moreno e o pensamento do filósofo Gaston Bachelard, para pensar a pertinência de um cosmodrama ou de uma prática dramática que vise uma dimensão de relação do homem com o mundo (cosmos), à qual se pretende trabalhar com os princípios da imaginação material. A imaginação material, ao lado da imaginação formal e dinâmica, se constitui como um dos aspectos da imaginação considerados por Bachelard em seu estudo sobre a imaginação criadora. Empreendemos nosso percurso com um diálogo real imaginado entre Moreno e Bachelard como um exercício de aproximação do pensamento destes autores.

### Descritores:

Psicodrama, ato criador, homem cósmico, imaginação criadora, imagem poética, cosmodrama.

### Abstract:

The present text is a project of reflection grounded on the rapports between J.L. Moreno and the thought of the philosopher G. Bachelard. It aims at the understanding of the propriety of a cosmodrama or of a dramatic practice which focus on a dimension of man in relation to the world; that deals with the principles of material imagination. The material imagination, alongside the form and dynamic imagination, constitutes one of the aspects of imagination considered by Bachelard in his study of the creative imagination. We concluded our text with a real imagined dialogue between Moreno and Bachelard as an exercise of appropriation of the authors' thoughts.

### Index terms:

Psychodrama, creative act, cosmic man, creative imagination, poetic image, cosmodrama.

---

<sup>1</sup> Apresentado no XVI Congresso Brasileiro de Psicodrama, Recife, 2008. Ganador do prêmio FEBRAP, de melhor escrito psicodramático, 1º lugar, foco psicoterápico. Trata-se de uma parte da monografia de mesmo título, apresentada em 2004 para obtenção do título de Psicodramatista – foco psicoterápico.

<sup>2</sup> Psicodramatista, aluna do Nível II (Psicodramatista Didata) do DPSedes, 2008.

## Prólogo

*O universo não é exatamente uma floresta bravia ou um feixe de forças selvagens. É basicamente criatividade infinita!* (Moreno)

O universo psicodramático guarda seus enigmas e se oferece como um palco cósmico. Nele, realidade e irreabilidade fazem desprender, como bolhas de sabão, mundos auxiliares, dimensões invisíveis e latentes da realidade da vida não experimentadas ou expressas. Este universo criado e concretizado no palco psicodramático não é um apelo ao ilusionismo, não é uma fuga da realidade, mas justamente o contrário, é um apelo à criatividade do homem e à criatividade inscrita no seio do universo.

Tomada por tais constatações coloquei-me a refletir. Desde o início de meu contato com o psicodrama, como uma nova possibilidade de síntese entre o real e o imaginário, descobri em mim esse desejo esquecido pela criação. A realidade da vida cotidiana, às vezes tão opaca aos sonhos, aparentemente tão estável e acabada, carecia de alguma coisa que impulsionasse o ator criador. Uma espécie de órgão onírico capaz de despertar o jogo de existir.

A tarefa não me parecia nada fácil. Haveria uma academia capaz de nos dotar de talentos e criatividade? Quem poderia reanimar este mundo aparentemente inerte das coisas que nos rodeiam? O que poderia alterar o incansável e tirano movimento do cronômetro, a avalanche de coisas que me querem vender, o infatigável afluxo de imagens fugazes que nos atiram sem cessar a atenção? Diante de tantos estímulos, deste corre-corre veloz que esvazia nosso espírito, que nos amortece a sensibilidade pela ilusão de uma plenitude desejante desenfreada, como reencontrar os valores de sonho que nos impulsionam a criar?

Saí à procura deste encontro, na sede de experimentar em mim a possibilidade da criação. Eu queria me apoderar deste estado de espontaneidade que habilita o artista improvisador a dominar dramaticamente seus recursos. Que mundo seria este aberto à criação e ao novo? Como entender que este mesmo mundo que nos aparece como fixo é ao mesmo tempo aberto?

Em minhas andanças, entre encontros e desencontros, alguns deles capazes de transformações inenarráveis fora do domínio das almas congêneres, deparei-me com a figura singela e poderosa de Gaston Bachelard<sup>3</sup> e sua doutrina da Imaginação Criadora.

Moreno ganhara força em minha vida desdobrando-se em mil personagens, em mil fazeres, lojas mágicas, realizações simbólicas, psicodramas e assim por diante. Mas, queria

---

<sup>3</sup> Filósofo francês (1884-1962) nasceu em Bar-sur-Aube, Champagne. Sua obra versa sobre dois domínios chamados usualmente de vertente “diurna” e vertente “noturna”. A vertente diurna se refere ao seu estudo sobre a epistemologia, fascinado pela interminável aventura de clarificação do conceito, formulador de um novo racionalismo, dedicou-se a investigar e a traduzir em linguagem filosófica o significado e as decorrências da revolução instaurada pela relatividade de Einstein, pela física quântica ou pela geometria não-euclidiana. A vertente noturna, por seu turno, testemunha o caráter inovador da concepção de imaginação, explorador do devaneio, exímio mergulhador nas profundezas abissais da arte. Defensor magistral da imaginação livre e criante, reconquista para ele e para nós os fundamentos da legitimidade do devaneio, os motivos que tornam o sonho imprescindível à arte e à vida.

fosse possível compartilhar o “acréscimo de ser”, o reforço de coerência psíquica obtido junto ao devaneio vivido na boa vigília, junto ao devaneio desperto revalorizado pelas teses bachelardianas.

O filósofo nos ensina que a filosofia tradicional se ocupa muito frequentemente do homem que pensa. Como se o homem encontrasse toda a sua substância, todo o seu ser em seu pensamento. Parece que a função dominante da filosofia é então, de algum modo, repensar o pensamento. Mas ao concentrar toda sua luz sobre este sono do ser que é o pensamento, a filosofia esquece que antes do pensamento, existem sonhos; que antes das idéias claras e estáveis, existem imagens que brilham e que pensam. Tomado integralmente, o homem é um ser que não somente pensa, mas que em princípio imagina. Um ser que, desperto, é arrebatado por um mundo de imagens precisas, que adormecidas sonham em uma penumbra onde se movem formas inacabadas, formas que se movem ao longe, formas que se deformam sem fim.

A noite e o dia na alma humana, diz Bachelard, não são elementos lógicos que se impõem absolutamente. Todos nós conhecemos estes fragmentos de histórias pessoais vividos durante o dia que vêm se reconstituir durante a noite. Sabemos também que nas horas mais claras de nossa vida diurna, basta um pouco de solidão para que tombemos em um devaneio que se une aos sonhos da noite. Todos nós conhecemos esta zona intermediária em que os sonhos alimentam nossos pensamentos, em que nossos pensamentos clareiam nossos sonhos. Nas horas de grande solidão, quando os devaneios nos dão nosso ser total somos sonhadores lúcidos, vivemos um instante como se a dimensão humana tivesse crescido em nós e nos explicamos nossos próprios mistérios, as palavras de nossa linguagem detêm sutilmente as ressonâncias de nosso mais longínquo passado.

Bachelard ressalta o caráter profundamente natural destes instantes sintéticos em que temos subitamente a consciência de sonhar, em que somos ao mesmo tempo espíritos claros e espíritos sonhadores. Ele nos mostra que a manutenção desta consciência diurna no devaneio o mais imaginativo possibilita ao sonhador lúcido realizar uma síntese da reflexão e da imaginação, momento em que o devaneio prepara formas e pensamentos.

A imaginação, apregoa o filósofo, foi constantemente considerada como uma potência secundária, ocasião de desregramento, meio de evasão do real. Mas, assim considerada, perdemos seu pleno valor, não tornamos claro aquilo que verdadeiramente é: a função dinâmica por excelência do psiquismo humano. Como seria possível ao homem, tantas vezes dominado pela função do real, realizar uma obra, se nele não habitasse esta função de possibilidade?

Mas a consciência de sonhar, alerta Bachelard, é mais difícil que a consciência de pensar. Em nosso socorro, o poeta é aquele que inspira, aquele que nos dá a exata energia da imaginação. É ele que nos ajuda a satisfazer a esta necessidade de poesia enraizada no coração do homem. O poeta se entrega à vida das formas e das cores, ele acelera o movimento de tudo aquilo que vive e de tudo aquilo que resplandece. Se em um poema as imagens se imobilizam, nós a acusaremos de se tornarem idéias.

A imaginação poética, por sua necessidade insaciável de expressão, é para Bachelard o terreno fecundo e propício ao estudo da imaginação criadora. O lirismo se torna necessariamente um entusiasmo lingüístico, o poema uma criação da linguagem. Quando um grande poeta fala, a linguagem recebe uma promoção definitiva.

Lendo incessantemente os poetas de todos os tempos, Bachelard, com a alegria de um botânico, recolheu e classificou incontáveis imagens poéticas conforme fizessem reviver as imagens materiais, os arquétipos da água, da terra, do fogo e do ar. Não é fortuito, defende o filósofo, que estes quatro elementos materiais tenham tido um papel tão fundamental nas primeiras cosmogonias, nas antigas filosofias do universo, neste estranho complexo de idéias e devaneios que constituíram a alquimia. Estes dossiês de imagens materiais testemunham uma homologia do imaginário através dos séculos.

Como resultado desta longa enquête, Bachelard ressalta o realismo da Imaginação, um realismo que quer ultrapassar as aparências, que quer possuir o mundo em sua substância, em suas forças íntimas. É preciso nos dar conta, diz ele, que imaginamos diretamente a matéria, além das formas e das cores. Tão bem como nossos olhos, nossas mãos imaginam.

Os quatro elementos, fogo, terra, água e ar comandam, assim, imagens dominantes que imaginam o mundo. Para bem participar ao espetáculo e à força do mundo é preciso retornar necessariamente às imagens primeiras que animam o instante poético. Na alma do poeta, a despeito de toda intelectualidade, as imagens fundamentais dos quatro elementos se renovam incessantemente. Cada um deles é um centro de poesia, cada um deles realiza uma condensação de imagens incessantemente renovadas no curso da evolução literária.

Bachelard constata que estas imagens insistentes centralizam vastas regiões poéticas e possuem raízes tão profundas no psiquismo humano que devemos procurar ao longe as razões de tal profundidade. Estas imagens insistentes, profundas e universais pertencem ao mesmo tempo ao cosmos e à natureza humana. E assim examinadas as imagens privilegiadas, a imaginação poética se revela de um alcance psicológico incalculável. Ela nos ajuda a reviver a inserção da linguagem no centro mesmo do ser humano. Há para todo ser imaginante uma substância privilegiada que determina a unidade e a hierarquia de sua expressão.

O temperamento do homem se revela claramente em suas preferências e em suas antipatias por matérias particulares. É deste comércio originário do corpo com a corporeidade do mundo que se alimenta o imaginário em sua produção de imagens refinadas, necessariamente variadas. Há uma verdadeira dialética que anima a imaginação de cada elemento. De modo geral, os elementos são, ao mesmo tempo, substâncias e forças, bens íntimos, riquezas condensadas, ardentemente possuídas pelo sonhador. Em uma segunda orientação, os elementos são agentes hostis que se batem contra as coisas, agentes que dão vida e movimento a todo um universo. Em particular, o fogo, a água e o ar fazem viver, cada um à sua maneira, o enorme corpo da terra. Cada um dos três elementos da mobilidade específica um tipo de fisiologia do cosmos. O poeta é o herói que toma naturalmente o império do universo, ele doa sua voz e sua alma à expressão das forças cósmicas e elementares. A poesia cósmica se situa sempre na origem de um universo.

“A cada apetite, um mundo”, conclui Bachelard. “O sonhador participa então do mundo alimentando-se de uma das substâncias do mundo, substância densa ou rara, quente ou doce, clara ou cheia de penumbra segundo o temperamento de sua imaginação. E quando o poeta vem

ajudar o sonhador, renovando as belas imagens do mundo, o sonhador alcança a saúde cósmica”.<sup>4</sup>

Bachelard confessa sua “utopia de cura pelos poemas”. A imaginação material e a matéria imaginada se valorizam em dois sentidos simultâneos. No sentido do aprofundamento, a matéria é um mistério, aparece como insondável. No sentido do impulso, é um milagre, aparece como inexaurível. Seja qual for o caminho percorrido pela alma, “a meditação de uma matéria educa uma imaginação aberta”.

A excursão ao lado de uma personalidade tão vibrante e profunda como a de Gaston Bachelard, pelo reino das matérias que animam o cosmos e a imaginação do homem, parecia então despertar o espírito de todas as coisas. Ele me perguntou: “mas, para um sonhador de coisas, haverá naturezas – mortas? As coisas que foram humanas podem ser indiferentes”? A força de sua argumentação espantosa viria sem demora pelo testemunho do poeta: “As coisas mortas têm tal poder de apoderar-se do espírito vivo que eu me pergunto se é possível a alguém ler o catálogo de um leilão sem cair sobre as coisas que, bruscamente apreendidas, fariam correr lágrimas elementares”.

Experimentei, no contato com essas lições sobre o devaneio, uma estranha inervação a invadir meu corpo. Ele sussurrou: “tudo depende da sensibilidade do sonhador, só o devaneio pode despertar esta sensibilidade”. Foi então que comecei a compreender o que já lera tantas vezes a respeito da espontaneidade de que falava Moreno ao querer devolver à humanidade sua condição criadora por excelência. O artista improvisador, para Moreno, deve ser aquecido galgando uma colina e uma vez que tenha alcançado este estado, se desenvolve com toda sua potência e energia. Ele descreve este estado de espontaneidade como a condição de um poeta quando sente o impulso para escrever em um momento de amor, imaginação, adoração, criação!

Um dia, lendo as infindáveis páginas da obra poética de Bachelard, uma revelação, encontro Moreno citado. O filósofo se pergunta, com relação à poesia cósmica, como ela poderia ser um meio de libertação do mundo dito real que nos cerca e nos oprime. Ele propõe ao psicodramatista a realização de uma terceira instância psíquica que poderiam batizar de cosmodrama. Este ser sonhante faria exotismo em casa, assumiria a tarefa de herói nas batalhas da matéria, sairia vencedor no detalhe das imagens. Esta façanha poderia ser concretizada trabalhando-se com os princípios da imaginação material, pois todas as vezes que se elevam as imagens a um nível cósmico, percebemos que tais imagens nos dão uma consciência demiúrgica, uma consciência criadora que inventa mundos.

Pareceu-me espantoso que tal aproximação pudesse ser um caminho possível que fizesse despertar os indivíduos desta anestesia que os impede de sentir, sonhar e imaginar. Deste exílio vivido pelo homem em seu próprio mundo. Exílio este que limita o homem em sua responsabilidade por todas as coisas que nos ligam uns aos outros fazendo de nós co-criadores do mundo...

E eis que uma noite dessas, Moreno e Bachelard se materializaram em carne e osso e vieram me visitar. Eu estava em um teatro, pensando, labutando com a pena e o papel, só um

---

<sup>4</sup> Bachelard, G. *Poética do Devaneio*, trad. Antonio de Pádua Danesi, São Paulo, Martins Fontes, 1988. p. 171.

foco de luz iluminava a mesa de trabalho. Quando descansei a vista no horizonte, pude perceber que, aos poucos, de um além que transcendia os limites do teatro, dois senhores se aproximavam vagarosos, pensativos... Era uma imagem incrível, de uma coloração em diversos tons amarronzados, brilhantes, como o de fotos antigas, daquelas que parecem inspirar vida e histórias, sobre o fundo negro escuro do teatro.

Descansei a pena e respirei pausadamente, tomada de emoção profunda ao ver ali dois grandes mestres. Eles se achegaram, meus olhos brilharam. Bachelard, com uma imensa barba branca e muito elegante, retirou seu chapéu e me cumprimentou, com aquele sorriso escondido que alegra os olhos e as bochechas. Correspondi. Então, se aproximou Moreno, de gravata borboleta e um olhar muito profundo, fitou-me longamente e, ao dar uma volta em si mesmo, estalou os dedos. Como num passe de mágica o teatro se transformou em diversos palcos circulares, com balcões, e fomos transportados para um espaço e tempo completamente diferentes deste espaço tempo habitual dos relógios. Difícil definir. No centro do palco apareceram duas cadeiras, Moreno abriu a sessão e convidou M. Bachelard a se sentar.

E os acontecimentos que presenciei naquela noite, transcrevo-o para o leitor.

#### **Dialogo: Moreno e Bachelard se Visitam**<sup>5</sup>

As luzes do teatro começaram a diminuir imperceptivelmente. Dr. Moreno perguntou a M. Bachelard como deveria se compor o cenário da cena que protagonizariam. M. Bachelard pensou, olhou à sua volta e saudoso de sua biblioteca, a presentificou. Rapidamente, velhos manuscritos, labirintos de estantes, objetos amados e sua mesa de trabalho ocuparam o palco. Sentaram-se à mesa. Bachelard abriu um pequenino armário à sua esquerda e retirou um castiçal robusto com camadas infindáveis das muitas velas queimadas, em anos de admiração pela pequenina chama. Acendeu a vela gasta pela metade. E à medida que surgia o pequeno ser luminoso, pairou sobre toda a extensão do teatro, um clima de profunda intimidade e aconchego. O ar adensou-se.

A voz de Moreno rompeu o vasto silêncio.

Moreno – Para mim é uma honra, M. Bachelard, empreender um diálogo com tão ilustre filósofo. Será que poderíamos nos tratar informalmente?

Bachelard – *Bien sûr!* Nós podemos nos “*toutoyer*”,<sup>6</sup> caro amigo Moreno.

---

<sup>5</sup> As falas do diálogo que se apresentará são paráfrases de diversos textos tanto de Bachelard quanto de Moreno.

M – Pois bem, antes de adentrarmos no teatro, estive ouvindo sua teoria sobre a imaginação criadora, bem como a idéia interessante de um cosmodrama. Tal projeto despertou em mim uma imensa curiosidade e um grande desejo de ajudar a criá-lo e colocá-lo em ação.

B – Sua versatilidade e prontidão para a ação são espantosas. Eu sempre invejei os psiquiatras a quem a vida oferece todos os dias casos novos, indivíduos que vão procurá-los com psiquismos completos. Para mim, os casos são pequeninas imagens poéticas no canto de uma página, no isolamento de uma imagem inesperada, sem o entusiasmo das descrições do real.

M – Compreendo. Sempre considerei fundamental apreender o ser humano em seu lugar natural, na vida, em sua casa, na rua, nas fábricas, a fim de capturar o essencial e verdadeiro fenômeno em *status nascendi*.

B – Um bom fenomenólogo, eu diria. Mas como eu comentava a pouco, apesar da raridade do êxito dessas imagens, meu método tem uma vantagem, a de nos colocar ante o problema único da expressão. Temos, portanto, o meio de fazer a psicologia do sujeito que se exprime, que imagina sua expressão, que amolda sua responsabilidade na própria poesia de sua expressão. Se meus esforços pudessem ser perseguidos, haveria a possibilidade de examinar, como um mundo autônomo, o universo da expressão.

M – Vejo que o colega perseguiu com afinco o ato criador, o novo, a ruptura, a criação e o criar. Para mim o ato criador se compõe de cinco características fundamentais. São elas: a espontaneidade, certa sensação de surpresa, sua irrealidade, a qual tem por função mudar a realidade em que surge, certo atuar *sui generis*, pois durante o processo de viver, atua-se mais sobre nós do que atuamos, sendo esta a diferença entre uma criatura e um criador. Por fim, a quinta característica tem, na ação improvisada espontânea, a união de dois corpos na mesma substância, ou seja, uma consubstanciação mimética. Síntese entre real e imaginário, algo diferente da vida e do caminho tomado pelo teatro clássico. Contudo, interessa-me saber a que conclusões você chegou em suas análises sobre este universo autônomo da expressão. Pelo que pude entender você fala dos poetas.

B – Percepção correta. Para mim, a poesia, a imagem literária é um fenômeno de liberdade inscrita no corpo da linguagem. No entanto, uma imagem para merecer o título de uma imagem literária tem que ter um mérito de originalidade e, ainda, exercer sua dupla função: significar outra coisa e fazer sonhar diferentemente. Como você disse a pouco, tem por função mudar a realidade em que surge. Neste sentido, observei que este universo da expressão se oferece às vezes, como um meio de libertação...

M – Libertação! Libertar o ser humano de seus automatismos. – Percebi neste momento que Moreno pousava seus olhos sobre um lindo quadro de Van Gogh e falou: – A espontaneidade e o vôo dos pássaros são aliados íntimos...

B – Que bela imagem! É justamente este o assunto que me interessa e aqui poderíamos introduzir o cosmodrama. Propus num livro que escrevi em 1948 (*A terra e os devaneios do*

---

<sup>6</sup> Expressão francesa utilizada para tratamento informal entre pessoas que já estabeleceram certa relação de intimidade. Ou seja, o momento em que as pessoas se tratam através da segunda pessoa do singular (tu).

*repouso* – em um capítulo intitulado “A intimidade em conflito”), que o universo da expressão poética poderia se oferecer como meio de libertação relativo aos três mundos examinados pela Daseinanalyse, a saber, o *Eigenwelt*, o *Mitwelt* e o *Umwelt* (o mundo pessoal, o mundo inter humano e o mundo ambiente respectivamente). Assim, teríamos pelo menos três mundos de expressão, três tipos de poesia poderiam encontrar aqui sua distinção.

M – Concordo com o colega que considerar o homem apenas em seus aspectos biológicos, psicológicos ou sociais é fazer dele um banido. Ou somos responsáveis por todo o universo, ou nossa responsabilidade não é nada. Mas, por favor, continue seu raciocínio.

B – Bem, ao confrontar os seus trabalhos com o de Ludwig Binswanger, formulei o seguinte esquema. Ao *Eigenwelt* (mundo próprio, o homem em relação consigo mesmo, a categoria da auto-consciência, da auto-identidade, dos fantasmas pessoais, do intra-psíquico) associei o seu psicodrama. Ao *Mitwelt* (o mundo com, o constituído pelos existentes em relação com os seus semelhantes, as interações e as significações, o coletivo, o inter-humano, o inter-pessoal) associei o seu sociodrama. Mas, para trabalhar o *Umwelt* (o mundo ambiente, a natureza, o mundo circundante, ao redor, constituído pelo que rodeia o homem, as coisas que não têm existência própria, o dito real, o percebido como evidência) associaria o que designei como cosmodrama. O que acha?

M – E qual seria a especificidade de um cosmodrama?

B – Esta é uma pergunta instigante. Penso que seria possível trabalhar em nível de um cosmodrama com os princípios da imaginação material. Pois, todas as vezes que conseguimos elevar as imagens ao nível cósmico, percebemos que tais imagens nos dão uma consciência feliz, uma consciência demiúrgica. Com relação à poesia cósmica, poderíamos ver como ela é uma libertação do mundo dito real, que nos cerca, que nos oprime.

M – Realidade e irrealidade! Estas são palavras chaves. Você sabe, quando eu comecei a pesquisar os efeitos da encenação teatral improvisada de fatos da vida, propus que um dos efeitos desta repetição no palco fosse o de possibilitar um desdobramento da vida no domínio da ilusão, que permitiria ao ator assumir o lugar do criador e, então, experimentar a verdadeira liberdade, a liberdade em relação à sua própria natureza. Eu penso que a ilusão de um mundo real é tão importante como a realidade do mundo ilusório.

B – Sim, eu entendo esta inversão de ser que você quer operar. Por isso você diz que a peça improvisada tem, na verdade, uma relação mais estreita com o poeta que com o teatro?

M – Claro, pois o poeta não esconde complexos, mas germes de forma e seu objetivo é um ato de nascimento. Portanto, não está meramente seguindo um padrão, ele pode alterar o mundo criativamente.

B – É assim que a poesia poetiza ao mesmo tempo o sonhador e seu mundo!

M – Quando um poeta cria um Fausto ou um Hamlet, a pedra angular de sua criação é o seu corpo. O germe seminal de seus heróis ganha existência, e suas qualidades físicas e espirituais desenvolvem-se lado a lado. Corpo e alma são igualmente importantes. Quando a obra está concluída, o herói ganha existência completa, não uma pálida idéia, mas uma pessoa real.

B – Ouh là là! Sua fala trás inúmeras idéias que compartilho! Neste sentido, diríamos que o poeta não cria como vive, mas vive como cria, e as formas só ganham contorno em relação às substâncias que as alimentam. Quanto ao corpo, é mesmo possível dizer que as imagens materiais nascem nos órgãos. Os primeiros interesses psíquicos que deixam traços inapagáveis em nossos sonhos são interesses orgânicos. A primeira convicção calorosa é um bem estar corporal. Na carne, nos órgãos é que têm nascimento as imagens materiais primeiras. Daí toda a materialidade das imagens. E o poeta inventa mundos.

M – Sim, por isto eu vejo sentido em criar um mundo auxiliar para tratar certos pacientes.

B – Procurei minha vida toda experimentar esta inversão de ser com o ser do poeta, na leitura das imagens fielmente amadas. Perguntava-me pela possibilidade de, ajudado pelo poeta, viver a própria intencionalidade poética. Para o meu eu sonhador, é este não-eu meu, que encanta o eu do sonhador e que os poetas sabem fazer-nos partilhar, que me permite viver minha confiança de estar no mundo. As exigências de nossa função do real obrigam-nos a adaptar-nos à realidade, a construir-nos como uma realidade, a fabricar obras que são realidades. Mas o devaneio, em sua própria essência, não nos liberta da função do real? Em sua simplicidade, veremos que ele é o testemunho da função do irreal, função útil que protege o psiquismo humano, à margem de todas as brutalidades de um não-eu hostil, de um não-eu estranho. Desculpe-me caro Moreno, o alongar de minhas explicações filosóficas. Apenas quero acrescentar que há horas na vida de um poeta em que o devaneio assimila o próprio real. O que ele percebe é então assimilado. O real é absorvido pelo mundo imaginário.

Moreno se pôs pensativo, levantou-se, experimentou alguns movimentos, um tipo de ação sem palavras, como se fosse ora um pássaro, ora um tigre. Olhou para o alto e, sobre seu rosto parecia cair uma fina chuva. Interrompeu seus devaneios e retomou eufórico a palavra.

M – Ao observar o desenvolvimento da criança, no que designei como matriz de identidade, pude constatar que a unidade entre a fantasia e a realidade na mente infantil, a partir de dado momento que batizei como “a brecha entre fantasia e realidade”, está doravante desfeita e elas começam se desenvolvendo em duas dimensões separadas da experiência. Mas, numa era marcada por dualidades, pelo culto às conservas culturais, a disposição inata do homem gênio, espontâneo e criativo, segue caminhos diversos do ideal de liberdade possível ao homem. Contra esse destino, pode-se dizer que o Psicodrama é uma tentativa de anular o dualismo entre a fantasia e a realidade, de restaurar a unidade primordial, de estabelecer uma nova síntese entre o real e o imaginário! Em minhas pesquisas iniciais, conclui serem os estados espontâneos que possibilitam um trânsito discriminado entre a fantasia e a realidade, e a flexibilidade nesta passagem é sinônimo de saúde.

B – Ouvi repercussões muito fecundas de sua utopia de cura pela psiquiatria. Gostaria de compartilhar minha ambição de filósofo da leitura, minha utopia de cura pelos poemas. Durante anos a fio, recolhi muitas e muitas imagens literárias, agrupando-as em um dos quatro dossiês dedicados aos quatro elementos materiais. Hoje, diante de meu herbário de imagens comentadas, gostaria de poder reescrever todos os meus livros incessantemente. Após viver as imagens tão intensamente, parece que eu saberia melhor dizer as ressonâncias das imagens faladas nas profundezas da alma falante, ou descrever melhor as ligações das imagens novas e das imagens com profundas raízes no psiquismo humano. Eu apreenderia, talvez, os instantes em que as palavras, hoje como sempre, criam o humano, mesmo ao agrupar as imagens, ao

agrupar as semelhanças, eu saberia manter os privilégios do incomparável. E desenvolveria então – louca ambição! – uma doutrina da espontaneidade, pois a espontaneidade pura, onde ela pode ser mais aérea, aearizada, que na linguagem? A poesia é a linguagem que é livre frente a si mesma. Eu comentaria sem fim, como filósofo, os benefícios psíquicos, às vezes totalmente pessoais, recebidos de uma linguagem imaginada. Tentaria chegar, se possível, à origem da alegria de falar. Ela é muito simples, essa alegria diante da imagem nova que nos oferece o poeta. Mas, por sua própria simplicidade, ela pode ser pura, alegria direta do ser falante, subitamente desembaraçado das responsabilidades da significação. Sim. Sem as inquietações de todas as significações, até mesmo das significações passionais, eu poderia, ao viver as imagens, instituir em mim um mimetismo da espontaneidade! Assim, ao amontoar as imagens dos poetas, acreditei durante muito tempo, acredito ainda um pouco, que num simples acolhimento eu poderia conhecer a liberdade de imaginar. Eu tinha aí um bom começo para a libertação do psiquismo pela poesia!

À medida que Bachelard dava tão íntimo depoimento, abrindo as portas de sua própria solidão cósmica, sonhador de palavras que sonham, nos demos conta de que o espaço do teatro era tomado por uma imensa tela cósmica, onde cada espectador (e neste instante percebi que o teatro estava repleto) assistia sua própria história narrada por um desfile de nuvens que se transfiguravam em cenas.

Um poeta poderia narrar assim a experiência vivida:

Nacos de nuvem <sup>7</sup>

No céu flutuavam trapos  
de nuvens – quatro farrapos:

do primeiro ao terceiro – gente;  
o quarto – um camelo errante.

A ele, levado pelo instinto,  
no caminho junta-se um quinto.

Do seio azul do céu, pé-ante-  
pé, se desgarrá um elefante.

Um sexto salta – parece.  
Susto: o grupo desaparece.

E em seu rasto agora se estafa  
o sol – amarela girafa.

---

<sup>7</sup> Maiakóvki, V. “Nacos de nuvem”, in *Poesia russa moderna*, trad. Augusto de Campos, São Paulo, Perspectiva, 2001, p.248.

Moreno fez um solilóquio. “O ponto de partida foi o estado com que o sujeito se lançou para fins de expressão...” E depois retomou a palavra.

M – É preciso resgatar os estados de espontaneidade! Eu diria que o agente da improvisação (poetas, pintores, músicos, atores) encontra seu ponto de partida não fora, mas dentro de si mesmo, no “estado” de espontaneidade. Estes são fluentes, móveis, têm ritmos semelhantes aos dos ciclos biológicos, isto é, aumentam e diminuem por si mesmos. Não surgem automaticamente. São produzidos por um ato da vontade. Mas não se trata aqui de uma vontade como ato expresso da consciência, como operação intelectual, a qual atua freqüentemente como barreira inibitória; mas de uma libertação que, de fato, é o livre surgimento da espontaneidade, a qual surge por uma modificação no modo de funcionamento vital produzido pelo aquecimento. Este “estado” não só motiva um processo interno, mas também uma relação externa, social, ou seja, uma correlação com o estado de uma outra pessoa criadora. Foi assim que, aplicando a técnica da espontaneidade ao drama, desenvolveu-se uma nova arte no teatro.

B – *C'est super!!!* Poderíamos nomear esta sua façanha em criar técnicas e instrumentos a partir do que você observa, do modo como o sujeito opera nestes momentos em termos de ação, confiando nas provas, tal como se evidenciam aos seus olhos, resgatando as ações espontâneas e desconservando os sujeitos de tempos em tempos, de uma verdadeira demiurgia dramática! Um *modus operandi* que culminou na criação de um método. É justamente este caráter dramático posto em cena que poderia se aliar ao cosmos imaginado pelo poeta e quem sabe se configurar em uma nova prática! Ou melhor, que ela pudesse, pelo menos, abarcar também esta dimensão de relação do homem com o mundo, com o cosmos...

M – Penso que avançamos um pouco mais. Deixe-me ver se bem compreendi sua intenção. Tomando o teatro terapêutico que emprega o veículo do teatro da espontaneidade para fins terapêuticos, pude abarcar dois aspectos indissociáveis do homem. Ora centrando nossa investigação em conflitos expressos pela história individual de um protagonista – sujeito, isto é, um psicodrama; ora tendo como protagonista – grupo, as ideologias coletivas, quando dirigimos o foco para o tratamento das síndromes culturais coletivas, ou o sociodrama. Dito de outro modo, como dizem os meus discípulos, no primeiro caso ajudamos o indivíduo a objetivar no palco sua própria subjetividade em conflito; e, no segundo caso, auxiliamos o grupo a subjetivar aspectos objetivos postos em discussão. Por fim, para que pudéssemos recuperar as relações elementares e cósmicas do homem com o mundo, deveríamos pensar em um cosmodrama, o qual poderia ter como ponto de partida a leitura de imagens poéticas quando a ação dramática se desenrolaria a partir das ressonâncias despertadas pela poesia, correto?

B – O essencial é que a imagem seja acertada. Pode-se esperar, então, que ela tome o caminho da alma, que ela não se embarace nas objeções do espírito crítico, que não seja detida pela pesada mecânica dos recalques. Como é simples reencontrar a alma no fundo do devaneio. O devaneio nos põe em estado de alma nascente. Mas o amigo fala de uma realidade específica compartilhada no psicodrama, ou a possibilidade de uma segunda chance para o vivido, será que poderia falar um pouco sobre o tema?

M – A vida e o psicodrama se ofuscam um ao outro, e acompanham-se no riso. O teatro da espontaneidade foi o desencadeamento da ilusão. Mas esta ilusão encenada pelas pessoas que viveram na realidade é a libertação da vida. O psicodrama não consiste apenas na encenação de episódios passados, presentes e futuros, que são vivenciados e concebidos no cenário da

realidade – um equívoco freqüente. Há no psicodrama um tipo de experiência que ultrapassa a realidade, uma realidade suplementar. Esta não é, contudo, uma perda, mas um enriquecimento da realidade por meio do uso extensivo da imaginação. Esta expansão da experiência é possibilitada pelos métodos não usados na vida.

B – De fato, o vivido conserva a marca do efêmero se não puder ser revivido. E como não incorporar ao vivido a maior das indisciplinas que é o vivido imaginado? O vivido humano, a realidade do ser humano, é um fato do ser imaginário e presumo que eu possa agora introduzir o benefício que nos dá a imagem poética ao nos abrir para o reino do poético. Teremos que provar que uma poética da vida vive da vida revivendo-a, aumentando-a, separando-a da natureza, da pobre e monótona natureza, passando do fato ao valor, e, ação suprema da poesia, passando do valor para mim ao valor para as almas congêneres, aptas à valorização pelo poético.

M – Ora, só há mesmo sentido em falar em criação quando consideramos a relação, a relação entre almas criadoras.

B – Mas foi para exprimir a luta primeira, a luta essencial, este combate antropocósmico, que propus o cosmodrama. Sem dúvida, é, sobretudo na vida social, no intercâmbio das paixões que o homem se choca com seu destino. Mas a natureza também está aí para nos chocar, mesmo sua beleza não é plácida. Para quem se engaja num cosmodrama, o mundo não é mais um teatro aberto a todos os ventos, a paisagem não é mais um cenário para passeadores, um fundo inerte de fotografia no qual o herói faz ressaltar sua postura. O homem se deseja saborear o enorme fruto que é o universo, deve-se sonhar como seu dono. Eis aí seu drama cósmico.

A platéia começava a se alvoroçar. Muito perspicaz Moreno percebeu que, apesar de poderem ficar conversando horas a fio, era chegado o momento de expandir o espaço do palco a todos. Saltou de sua cadeira e olhou para seu ilustríssimo ego auxiliar, que rapidamente sacou a intenção do diretor. Bachelard apanhou uma caixa de papelão antiga que continha a seguinte inscrição: Herbário de imagens poéticas.

Moreno pegou a caixa, abriu-a e convidou a todos para subirem ao palco. Um a um, começaram a retirar imagens gravadas em pequenos pedaços de papel amarelado. Aos poucos, as pessoas foram se reunindo em pequenos grupos, outros optaram por um canto isolado do teatro. A cena me parecia inacreditável. Moreno me tomou pela mão e me conduziu à caixa sonhadora. Apanhei dois papezinhos, escolhi um lugar atraente e, emocionada, os abri. Estava escrito:

1. “Só conhece o suficiente, quem primeiro conheceu os excessos”.
2. “Por isso, pois, o mandamento será: seja espontâneo”!

Ao levantar meus olhos, passados alguns instantes da “repercussão oracular” de minha escolha, fui surpreendida pela presença de Tântalo<sup>8</sup>, sentado à minha frente! Ele me disse, solenemente, como um deus:

“Quando a imaginação põe em nós a mais atenta das sensibilidades, nos damos conta de que as qualidades representam para nós mais devires do que estados. Os adjetivos vivenciados pela imaginação – e como seriam vivenciados de outro modo? – aproximam-se mais dos verbos que dos substantivos. Vermelho aproxima-se mais de avermelhar que de vermelhidão. O vermelho imaginado ficará escuro ou pálido, conforme o peso de onirismo das impressões imaginárias. Toda cor imaginada torna-se um matiz frágil, efêmero, inapreensível. As cores, como todas as qualidades imaginadas, tantalizam o sonhador que quer fixá-las”<sup>9</sup>!

Tomada pelo enigma, submergi em devaneios profundos e repousei, olhos fechados, para uma imensidão crescente, lilás, múltipla, como um Aleph! Mas ao abrí-los novamente fui tomada de assalto e susto ao constatar que o teatro estava vazio e a folha de papel à minha frente continha um curioso desenho. Um borrão? Um mapa? Um capricho da pena que voluntariosamente deseja seu traço? Teria sido um delírio a cena vivida com tamanho vigor e detalhes?

Meu coração ainda pulsava forte e musical quando avistei uma caixa sobre o canto oposto do palco. A caixa! Precipite-me em direção a ela e pasmem: o Herbário de imagens poéticas de Gaston Bachelard! Ali me fartei, divertindo-me com as pérolas e as peripécias das imagens coletadas como rosas, centros de irradiação. Mas a noite já se fazia alta. Voltei a pensar, a planejar, tentando absorver o intenso processo de estar atuada pelo verbo! Este pode muito bem ser um projeto fascinante para compartilhar, viver e criar, meditei.

## Epílogo

A pesquisa sobre a imaginação criadora e o resgate de nosso direito de sonhar são aspectos importantes ao trabalho psicodramático. A compreensão do caráter positivo da imaginação e suas leis de funcionamento pode nos ajudar a compreender a força do pensamento criativo de Moreno. Os valores de sonho que estão na base de toda criação devem ser desconservados e reavivados a fim de flexibilizar espíritos mais aptos ao devaneio e à criação.

Vivemos atualmente sob o signo da telepresença e da teleobservação, em que se torna cada vez mais difícil distinguir o real do virtual, em que uma existência cada vez mais passiva e bisbilhoteira se contenta em assistir pelo buraco da fechadura a intimidade alheia. Curiosidade

---

<sup>8</sup> Tântalo, rei da Frigia foi um daqueles que recebeu uma das punições mais duras dos infernos. Foi condenado à fome e à sede eternas. Quando ele estava quase imerso na água, e prestes a bebê-la, a água abaixava. Quando ele estendia a mão a fim de apanhar um fruto nos galhos que se achavam diante dele, tais frutos desapareciam. Os deuses o puniam assim de sua arrogância, pois revelara segredos divinos aos mortais e roubara a ambrosia e o néctar a fim de oferecê-los aos seus amigos mortais. Segundo uma outra versão do mito, ele teria, no intuito de agradar aos deuses, sacrificado seu filho e lhes teria servido durante uma refeição.

<sup>9</sup> Bachelard G. *A terra e os devaneios do repouso. Ensaio sobre as imagens da intimidade*, trad Paulo das Neves da Silva, São Paulo, Martins Fontes, 1990, p.68.

que nos aponta para um empobrecimento do ser já que intervém cada vez menos na realidade que lhe é oferecida por uma tela à distância ou por uma tela que tudo quer ao mesmo tempo. Esta superexposição às imagens fugazes, esta hipertrofia de imagens inapreensíveis superficializam os indivíduos que perdem em profundidade. A permanência solitária necessária ao ser que se põe a meditar torna-se quase uma ilusão.

E o que temos nós com tudo isto? A riqueza do psicodrama não estaria hoje em ressaltá-lo como campo de construção de sentidos e aglutinação de símbolos e metáforas em face desta realidade passiva, como forma de resistência e de permanência construída? Afinal, quem sobreviverá a uma existência estéril, em que os valores de sonho, que nos convidam à intimidade e ao repouso, escapam de nossos dedos adormecidos? Um olho que tudo vê e nada pode tocar é como máquina que apenas acumula imagens à distância. Um mundo povoado de coisas que não se dão a sonhar é como um corpo invólucro incapaz de sentir. Os poetas, contudo, e isto defendemos, nos despertam desta anestesia ordinária e sistemática da vida sem poesia.

### **Bibliografia**

Bachelard, G. *A poética do devaneio*, trad. Antônio de Pádua Danesi, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_ *A poética do espaço*, trad. Antônio de Pádua Danesi, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_ *Fragmentos de uma poética do fogo*, trad. Norma Telles, São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_ *A psicanálise do fogo*, trad. Paulo Neves Silva, São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_ *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*, trad. Antônio de Pádua Danesi, São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_ *O ar e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*, trad. Paulo Neves da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_ *A terra e os devaneios do repouso. Ensaio sobre as imagens da intimidade*, Paulo Neves da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_ *A terra e os devaneios da vontade. Ensaio sobre a imaginação das forças*, trad. Paulo Neves da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_ *O direito de sonhar*, trad. José Américo Motta Pessanha, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

Moreno, J.L. *Psicodrama*, trad. Álvaro Cabral, São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_ *El teatro de la espontaneidad*, trad. Miguel Mascialino, Buenos Aires: Vancu, 1977.

\_\_\_\_\_ *O teatro da espontaneidade*, trad. Maria Sílvia Mourão, São Paulo: Summus, 1984.

\_\_\_\_\_ *As palavras do pai*, trad. José Carlos Landini e José Carlos Vitor Gomes, Campinas: Psy, 1992.

\_\_\_\_\_ *Psicoterapia de grupo e psicodrama*, trad. José Carlos Vitor Gomes, Campinas: Livro Pleno, 1999.

\_\_\_\_\_ *El psicodrama. Terapia de acción y principios de su práctica*. trad. Maria Elena Zuretti, Buenos Aires: Hormé, 1995.

\_\_\_\_\_ *Fundamentos do psicodrama*, trad. Maria Sílvia Mourão, São Paulo: Summus, 1983.

Moreno, Z.T. *A realidade suplementar e a arte de curar*, trad. Eliana Araújo, São Paulo, Ágora, 2001.

Naffah Neto, A. *Psicodrama: descolonizando o imaginário*, São Paulo: Plexus, 1997.

Perazzo, S. *Ainda e sempre psicodrama*, São Paulo: Ágora, 1994.

\_\_\_\_\_ *Fragmentos de um olhar psicodramático*, São Paulo: Ágora, 1999.

Quillet, P. *Introdução ao pensamento de Bachelard*, trad. César Fernandes, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Vários. *Poesia russa moderna*, trad. Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman, São Paulo, 2001.